



Por que Néfi sempre “descia ao deserto” e “subia à Jerusalém”?

“E eu, Néfi, e meus irmãos empreendemos a viagem pelo deserto com nossas tendas, para subirmos à terra de Jerusalém.”

1 Néfi 3:9

O conhecimento

Enquanto Néfi descreve as viagens entre Jerusalém e o deserto, ele sempre diz que sobe a Jerusalém e desce quando se afasta de Jerusalém.

Hugh Nibley foi um dos primeiros a notar esse detalhe imperceptível. “O Livro de Mórmon emprega os verbos ‘descer’ e ‘subir’ exatamente como os hebreus e egípcios faziam em relação à localização de Jerusalém”.

O arqueólogo Jeffrey R. Chadwick explica esse ponto em detalhes:

É importante lembrar que, conforme o modo de falar de Néfi, sempre se subia à região de Jerusalém e

sempre se descia ao sair da região de Jerusalém. Esse também é o termo hebraico empregado na Bíblia, em que se diz que as pessoas, tanto no Velho quanto no Novo Testamento, desciam para deixar Jerusalém (ver, por exemplo, 2 Samuel 5:17, Lucas 10:30 e Atos 8:15 [em grego]) e subiam para ir a Jerusalém (ver, por exemplo: 2 Crônicas 2:16 e Mateus 20:18).

Esta expressão é o produto do ambiente físico da região de Jerusalém.



D. Kelly Ogden, que estudou a geografia histórica da Bíblia, explica: “Aproximar-se de Jerusalém de qualquer deserto requer subir em altitude. Todos os advérbios locativos nas páginas seguintes das escrituras representam com precisão a topografia de Judá e os desertos ao sul”.

Essa realidade torna-se dramaticamente evidente no contraste da altitude de Jerusalém, que está a aproximadamente 754 m acima do nível do mar, e do Mar Morto, a qual está cerca de 429 m abaixo do nível do mar, um declínio de cerca de 1.200 m de elevação.

A altitude no extremo do Golfo de Ácaba, o ponto do Mar Morto próximo de onde Leí provavelmente acampou (ver 1 Néfi 2:5-6) é de 6 m acima do nível do mar. Quando os filhos de Leí viajaram de um lado para o outro, entre seu acampamento e Jerusalém, eles estavam literalmente subindo a Jerusalém e, depois, descendo ao deserto.

O porquê



De modo geral, este é um mero detalhe, sutil e fácil de passar despercebido. Também seria algo muito fácil

de errar. É o tipo de detalhe que muitas vezes trai até mesmo as melhores falsificações.

A consistência entre o “subir” e “descer” no Livro de Mórmon nos mostra que o uso destes termos era algo natural para o autor (Néfi) e é uma indicação sutil de sua familiaridade com a topografia de Jerusalém e região ao redor.

Há também um grande significado neste simples detalhe. Para os antigos israelitas, a altitude de Jerusalém simbolizava subir ao céu. Como tal, representava a santidade e era análogo ao Monte Sinai, onde Moisés subiu para encontrar o Senhor.

O estudioso bíblico santo dos últimos dias, David J. Larsen, explica: “A diretriz de peregrinação trienal ordenava que os israelitas ‘subissem’ (ālâ)” a Jerusalém. Como Larsen explica:

A palavra hebraica ālâ parece ser usada com frequência como um [...] termo da Bíblia Hebraica [o Velho Testamento] para ascender em procissão a lugares sagrados, incluindo à terra prometida de Israel (por exemplo, tirando-os do Egito: Êxodo 3:8, 17) e subindo a montanha sagrada [Sinai] (ver Êxodo 19:20).

Com essa perspectiva, as várias subidas de Néfi a Jerusalém e descidas na volta ao deserto assumem um novo significado. Cada ascensão a Jerusalém pode ter servido como um lembrete sombrio de que a cidade, da qual eles haviam fugido, era uma cidade santa.



O uso dos termos ‘subir’ e ‘descer’ relação à elevação do mundo real tem implicações para a geografia do Livro de Mórmon no Novo Mundo. Por exemplo, agora sabemos que a terra de Zaraenla estava em menor altitude do que a terra de Néfi (ver Ômni 1:13, 27-28; Palavras de Mórmon 1:13; Mosias 7:1, [em inglês] 4, 13). Além disso, também é importante para compreender a história da colônia de Zênife.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Depois que o primeiro Mosias conduziu seu povo a descer à terra de Zaraenla (Ômni 1:13), um grupo retornou subindo à terra de Néfi porque “desejavam possuir a terra de sua herança” (Ômni 1:27). Para os nefitas, a terra de Néfi, por estar em um lugar mais alto, seria como uma nova terra santa, e o povo de Zênife desejava reivindicá-la.

Essa atitude reflete o comportamento dos sacerdotes do rei Noé, que citaram Isaías 52:7-10 (Mosias 12:21-24), onde louvam os pés daquele que “sobre os montes [...] faz ouvir a paz”. É possível terem considerado estarem cumprindo essa profecia edificando Sião nas montanhas. Detalhes são importantes, mesmo os que aparentam ser simples e insignificantes. Essas características reforçam que o Livro de Mórmon é o que Joseph afirmou ser, um texto antigo originário de Jerusalém.

Leitura complementar

David J. Larsen, “Ascending into the Hill of the Lord: What the Psalms Can Tell Us About the Rituals of the First Temple”, em *Ancient Temple Worship: Proceedings of the Expound Symposium 14 May 2011*, ed. Matthew B. Brown, Jeffrey M. Bradshaw, Stephen D. Ricks e John S. Thompson (Orem, UT e Salt Lake City, UT: Interpreter Foundation e Eborn Books, 2014), pp. 171–188.

Jeffrey R. Chadwick, “Lehi’s House at Jerusalem and the Land of His Inheritance”, em *Glimpses of Lehi’s Jerusalem*, ed. John W. Welch, David Rolph Seely, e

Notas de rodapé

1. Hugh Nibley, *Lehi in the Desert/The World of the Jaredites/There Were Jaredites*, The Collected Works of Hugh Nibley: Volume 5 (Salt Lake City/ Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1988), p. 7.
2. Jeffrey R. Chadwick, “Lehi’s House at Jerusalem and the Land of His Inheritance”, em *Glimpses of Lehi’s Jerusalem*, ed. John W. Welch, David Rolph Seely, e Jo Ann H. Seely (Provo, UT: FARMS, 2004), pp. 84–85.
3. D. Kelly Ogden, “Answering the Lord’s Call (1 Nephi 1-7)”, em *The Book of Mormon: Part 1–1 Nephi–Alma 29, Studies in Scripture: Volume 7*, ed. Kent P. Jackson (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1987), p. 27.
4. David J. Larsen, “Ascending into the Hill of the Lord: What the Psalms Can Tell Us About the Rituals of the First Temple”, em *Ancient Temple Worship: Proceedings of the Expound Symposium 14 May 2011*, ed. Matthew B. Brown, Jeffrey M. Bradshaw, Stephen D. Ricks, e John S. Thompson (Orem, UT e Salt Lake City, UT: Interpreter Foundation and Eborn Books, 2014), pp. 174–175.